



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 405 (50 reis)
Semestre 430 (300 reis)
Um ano 480 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso \$01 (10 reis)

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORO

Propriedade do Grupo «Aurora Social»

EDITOR—Naciel Barbosa

Comemoração sangrenta

Celebra-se hoje, pela vigésima quinta vez, a manifestação operária internacional do Primeiro de Maio. Da primeira vez, em 1891, arvorava a bandeira das oito horas de trabalho, revindicadas por meio da acção directa, e erguia um protesto ameaçador e retumbante contra o crime de Chicago.

Num pensamento gentil, a burguesia francesa quis avermelhar de sangue proletário aquela comemoração dum assassinato: o exército fuzilava em Fourmies alguns trabalhadores—o inimigo interior...

Ovigésimo quinto aniversário—bodas de prata dum grandioso casamento internacional—merecia bem uma celebração grandiosa, e a burguesia europeia quis fazer as coisas com largueza e com ostentação, gastando embora rios de dinheiro e de... sangue.

Começado com infinitas esperanças, o Primeiro de Maio devia fazer confraternizar, na luta contra os governantes e patrões, o proletariado internacional: a burguesia conseguiu que, ao cubo de vinte e cinco anos, elle se metralhasse reciprocamente em vastísimos campos de batalha, onde as mesmas balas que ferem o inimigo «exterior» vão ricochetear contra o inimigo interno visado em 1891.

Os cinco enforcados de Chicago, os poucos fuzilados de Fourmies—ei-los régimento rememorados com milhões de cadáveres, fartíssimo repasto dos corpos de penas e dos abutres insaciáveis da riqueza e do poder.

Não há dúvida: este ano, por esta ridente primavera de sangue, o Primeiro de Maio é estrondosamente celebrado com a mais espantosa festa que mente humana poderia conceber—e que os generosos condutores de povos imaginaram e ofereceram aos seus súbditos, para os distrair dos seus cuidados, das suas misérias e das suas mesquinhas preocupações de emancipação social...

E os súbditos aceitaram a munificente oferta, entoando a plenos pulmões, como sonoros clarins de guerra, as vibrantes palavras de Liberdade, Civilização, Independência...

No entanto ouvem-se notas discordantes, as dos eternos descontentes. Há quem não concorde com os festejos e procure lançar a desarmonia entre o conagraçamento patriótico das

classes, entre os amos e os servos.

Hoje precisamente de vem estar reunidos no Ferrol homens que proveem de vários países e que entendem a fraternização operária internacional de maneira inteiramente oposta.

E quantos corações doloridos não verão em sonhos a aurora deste Primeiro de Maio iluminar as trincheiras com uma luz nova e recordar aos cérebros aturdidos dos traba-

lhadores o sentido deste dia de fraternidade proletária e de revolta contra os amos? Se o Natal cristão murmurou, de trincheira para trincheira, uma palavra redentora, não a poderia clamar mais eficazmente o Primeiro de Maio socialista e revolucionário?...

Ah! pudessem hoje os trabalhadores recordar-se de que tem as armas na mão!

NENO VASCO.

O 1.º de maio e o congresso de Ferrol

Ao luto e á dôr que eternamente dilacerarão o coração confrangido do proletariado consciente, motivados pelas vítimas da reacção vermelha nas jornadas sangrentas, mas gloriosas, dos trabalhadores americanos, tem-se de adicionar este ano o luto e a dôr causados pela guerra fratricida saída das ambições de uma sociedade de delinquentes legais.

Nunca fui daqueles que concordam que a data imorredoura e epica do 1.º de maio deve ser considerada como uma simples festa de trabalho, em cumprimento de uma proposta insensata e tendenciosa dada á luz por um socialista autoritário francês.

Jámais pensei em ofuscar os fastos brilhantes da História revolucionária americana que, atravessando os vastos lençóis dos mares revoltos, veio exercer a sua benéfica influência nas principais nacionalidades da Europa.

E agora que os campos se semeiam de cadáveres ensanguentados, as vidas humanas tombam no sólo desfeitas em farrapos sanguíneos, o incêndio crepita e devora as florestas e as casas dos humildes, o aço e o canhão imperam infrenes e a fome invade as populações errantes e temerosas—este dia memorável e lutuoso que hoje passa, ainda muito menos deve ser revestido de galas festivas.

Toda a solenidade deve resumir-se numa intensa propaganda revolucionária, numa útil sementeira de conhecimentos indispensáveis, num esforço supremo para encaminhar os trabalhadores para a sua livre união, num crescente espalhar de ódio contra a guerra, suas causas e seus agentes e no levantamento moral das massas produtoras.

Tudo quanto não seja feito dentro desta esfera d'acção é um crime; e todos aquêles que pretendam desvirtuar o sentido das coisas por meio de funcanatas, persistindo no erro de felicidades irreais, são os que não querem vêr a luz da razão, os que não se sentem pelos acontecimentos trágicos que se vão desenrolando por esse mundo fóra, os que, tacitamente, concordam com este estado actual de coisas.

O momento é de dôr e não de alegrias, de fome e não de abundância, de opressão e não de liberdade, de revolta e não de pacifismo. E a causa predominante de tudo isto, são aquêles nossos inimigos chamados Estados, com a sua coercitiva engrenagem interior e exterior, que presentemente destróiem impunes o que muitas gerações construíram numa importantíssima sôma de anos. Nesta orien-

tação de ideias e de factos, a lógica impõe-se-nos:—guerra aos estados e guerra á guerra!

Assim, com esta actividade desenvolvida nas conferências, nos sindicatos e na imprensa operária, colaboramos gostosamente nos diversos trabalhos do congresso do Ferrol, onde estão representadas inúmeras colectividades e grupos operários e revolucionários de alguns países, e que, por si só, constitui uma grandiosa e significativa manifestação das forças vivas do movimento trabalhador.

O congresso de Ferrol é a mais clara e alevantada afirmação de que o sentimento nobre e ideal do internacionalismo não caducou, como caducam desastrosamente todos os sentimentalismos piégas e anacrónicos dos nossos mais conspicuos defensores do regimen estatal e capitalístico. Naquela espécie de convenção operária, as idéas e os principios, a férrea vontade e a inteligência arguta, devem impulsionar o espirito livre dos delegados.

Não é a paz imediata que dali sairá; mas sim o entendimento e a melhor tática revolucionária a empregar pelos trabalhadores para precipitar o mais breve possível o termo da guerra e, simultaneamente, levar-se a efeito, com tenacidade e heroísmo, uma propaganda internacional contra o militarismo arruinante e ameaçador e a diplomacia rasteira e secreta, vil e porca dos governos e seu anel apertado de políticos.

Além disto, espero confiante que do congresso saia uma entente internacional dos trabalhadores para impedir de um modo radical a repetição de tais carnificinas, empregando-se, chegada a ocasião, toda a agitação popular e directa, quer dos países atacantes, quer dos países atacados. Estabelecida, por exemplo, a entente entre os trabalhadores peninsulares, a esta compete-lhe velar pela paz do povo português e do povo espanhol, ambos vítimas do capitalismo imperante.

Ha rumores de que a Espanha se arma para invadir Portugal? O trabalhador daquele paiz deve unir-se, cerrar fileiras, agitar-se, desde a grêve geral á barricada, desde o desrespeito immediato das ordens dimanadas de cima á imposição enérgica de não deixar sair os regimentos, levantando-se aslinhas do caminho de ferro, paralisando a circulação dos comboios, não se embarcando de material de guerra e outras coisas inerentes. Em suma: uma reblião em cheio, desde o mais pequeno logarejo á maior cidade. O governo, en-

calhando no levantamento geral, unânime, retumbantemente ameaçador, ver-se há forçado a pôr de parte os seus desejos de conquista, baseados nos «direitos adquiridos» ou nos «direitos históricos», para acudir á formidável contenda. Os seus exércitos não poderão marchar, primeiro porque a sua mobilização se torna quasi impossível, pela recusa dos reservistas em correr ás fileiras; segundo, pela agitação do povo, opondo-se ás estultas pretensões dos governos de balcão; e terceiro, porque os poucos efectivos disponíveis serão insuficientes para sustar a insurreição lavrada por toda a Espanha.

E' claro que nós, portugueses, não devemos ficar de palanque, inactivos. O nosso governo, invocando o perigo espanhol, procurará preparar-se para uma defensiva. Nestas condições e de acordo com os trabalhadores espanhóis—criando-se para isso um comité internacional de relações entre os dois povos os trabalhadores portugueses devem secundar o movimento insurreccional de Espanha. Nem guerra defensiva, nem guerra ofensiva; nem perigo espanhol, nem perigo português. Ha só este perigo: o da diferença de castas, o capitalista e o comerciante, o industrial e o cambista.

Se os socialistas franceses e alemães fôsem revolucionários, em vez de perderem o seu tempo em alardear perigos russo, francês e alemão, e aconselharem um patriotismo por necessidade, como o pão para a boca, tivessem procurado uma aproximação entre os povos hoje em luta, a guerra, certamente, não teria sido declarada. Mas a conveniência do engrossamento do partido, da supremacia eleitoral e das preponderancias adquiridas levou-os a esse crime histórico e inolvidavel. Para se não repetir esse crime, é que o congresso de Ferrol se encontra reunido, do qual todos esperam sairá obra útil e que tão indispensável é. Entretanto, hoje, Primeiro de Maio, a nossa propaganda deve consistir em, mais uma vez, explicar as origens desta data imperecível e preparar os trabalhadores para seguirem livremente as determinações do congresso.

Clemente Vieira dos Santos.

Depois de composto este artigo, constanos ser prohibido o congresso de Ferrol. Do que ha falaremos no proximo numero.

Quando se mata e rouba em grande escala, ganha-se a aprovação das pessoas honradas, e não se chama roubo nem assassinio ao facto; inventou-se uma palavra bonita para classificar as vilanias que a sociedade comete: chama-se a isso civilisar as populações atrasadas.

Jean Graus.

Apontamentos...

1.º de Maio. Data imorredoura na historia do movimento operário, que marca, embora embrionariamente, a afirmação do sindicalismo revolucionário, da acção directa, pela conquista da redução das horas de trabalho e que o Estado norte americano, aliado confesso da burguesia e do capitalismo, scube tragicamente estrangular.

Data que relembra o sacrificio, a abnegação dos libertários pela causa dos oprimidos e dos explorados desta pútrida sociedade, perecendo no cadafalso, em holocausto á casta burguesa.

Data que, portanto deve ser de reivindicação, de protesto contra aqueles que, pela astúcia, pela mistificação e pelo abuso, veem perpetuando a escravidão entre os homens, afim de que tenha um verdadeiro e acentuado caracter revolucionário. Porque, do contrario é deturpá-la, mistificá-la, amesnando-a perante a burguesia como um dia de festa para os trabalhadores, quando ella deve constituir uma ameaça áquella, pela exhibição de uma grande parada de forças operárias, que um dia a fará succumbir, despojando-a de todos os seus pretensos direitos, em nome dos altos interesses da humanidade.

Sim, é preciso, é necessário que esta data não seja comemorada com músicas e foguetes, com cortejos civicos atravez das ruas e merendas no campo, que terminam sempre por render um profundo culto ao deus Dinheiro... Visto que tais actos, além de revelar uma grande inconsciencia, só servem para vexar, deprimir as classes trabalhadoras, urge que se comemore a data revolucionária do 1.º de Maio, condignamente, banindo-se os processos dos socialistas autoritários.

As classes trabalhadoras que vivem sujeitas a um trabalho que as atrofia física e intelectualmente, obrigadas a produzir imensas riquezas com que os parasitas se locupletam refesteladamente, sob o péso da férrea lei do salariato, condições estas baseadas na apropriação, por alguns, daquilo que pertence a todos—instrumentos de trabalho, terras, minas, meios de transporte, etc.—a classe trabalhadora, diziamos, terá motivo para, num determinado dia, elevar a essas condições um hino, exaltando-as, como se fossem uma ventura, uma felicidade para todos? Certamente que não.

Porque então se tem procedido dessa forma? Porque o partido socialista, reunido em congresso na cidade de Paris, em 1889, assim o determinou, e que os seus dele-

BALANCETE FÚNEBRE

Segundo uma recente estatística organizada pela Cruz Vermelha, eis as perdas já sofridas pelos exércitos beligerantes:

	Doentes e feridos	Inválidos	Prisioneiros	Mortos	Totais
Sérvia	126.000	19.500	46.000	87.500	279.000
Montenegro	38.000	12.500	18.500	30.000	89.000
Japão	38.000	5.500	2.000	11.500	57.000
Rússia	1.100.000	420.500	480.000	443.000	2.423.500
Bélgica	62.500	27.500	4.500	32.500	173.000
França	757.000	410.000	494.500	484.000	2.145.500
Inglaterra	185.000	45.500	81.500	165.000	478.000
Austria	618.000	90.500	518.000	341.000	1.573.500
Alemanha	1.018.000	983.000	338.000	441.000	2.780.000
Totais	3.912.500	2.040.500	2.009.000	2.005.500	9.997.500

Dois milhões de mortos! Dois milhões de inválidos! E trata-se de um simples balancete que será o balanço final?
E os burgueses ainda vociferam contra a revolução e os revolucionários! Como se a revolução, infinitamente mais útil, pudessem causar sequer a decima parte das vítimas já sacrificadas na vasta hecatombe provocada pelos Estados, pelas castas militares e pelas oligarquias capitalistas.